

RESENHA

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Alex Santana França

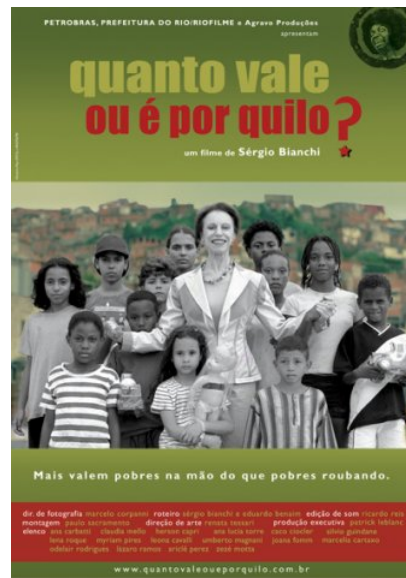
Mestrando em Letras (UFBA)

E-mail: alexsfranca@yahoo.com.br



filme *Quanto Vale ou é por quilo?* de Sérgio Bianchi, lançado em 2005, é mais um exemplo do recente cinema nacional de temática realista, assim como *Bicho de Sete Cabeças*, *Cidade de Deus*, *Carandiru* e *O Invasor*, cujos argumentos foram baseados em livros-reportagem ou romances que exploram a realidade do país e são, pretensamente, baseados em fatos reais e se valem disso para atrair o público. Do ponto de vista técnico, o filme mescla a linguagem documental com a ficcional, uma mistura interessante que muda o olhar do espectador, fundamental para a intenção do filme.

O roteiro é uma livre adaptação do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, entremeado com pequenas crônicas de Nireu Cavalcanti sobre a escravidão, extraídas dos autos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e tem a intenção de revelar as mazelas e contradições de um país em permanente crise de valores. Para cumprir essa função, a narrativa vale-se de dois recortes temporais: o século XVIII, com o comércio de escravos em expansão, em que o senhor branco dita as leis - a Casa Grande e a Senzala de Gilberto Freire sem o olhar conciliatório deste -, e os tempos atuais, apontando para a virulência da exclusão social e uma Nova Ordem Mundial, em que as organizações não-governamentais desempenhariam um papel a princípio complementar ao do Estado. Neste sentido, a narrativa também faz uma crítica à beneficência social, às ONGs (Organizações Não-Governamentais) e ao



conceito de responsabilidade social das empresas. O discurso da participação e da postura politicamente correta, para Bianchi, representa a última palavra em matéria de exploração da mão-de-obra barata e da mais valia.

Na cena de abertura do filme, o diretor remete-se a um episódio ocorrido em 13 de outubro de 1799, quando uma expedição de capitães-do-mato captura escravos na zona rural do Rio de Janeiro e toma posse de um dos cativos de dona Joana, uma negra alforriada, interpretada por Zezé Mota, que havia comprado para si alguns escravos que pudessem ajudá-la na manutenção de sua pequena propriedade.

Decidida a fazer valer um direito seu que fora desrespeitado, ela forma uma comitiva, parte em direção à casa do mandante da expedição e o chama de “branco ladrão”. O episódio se conclui com seu posterior julgamento e condenação por invasão de propriedade e racismo. É presa e obrigada a pagar uma fiança estabelecida em 15 mil réis.

O conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, publicado no volume Relíquias de Casa Velha, em 1906, é marcado pelas lembranças de um

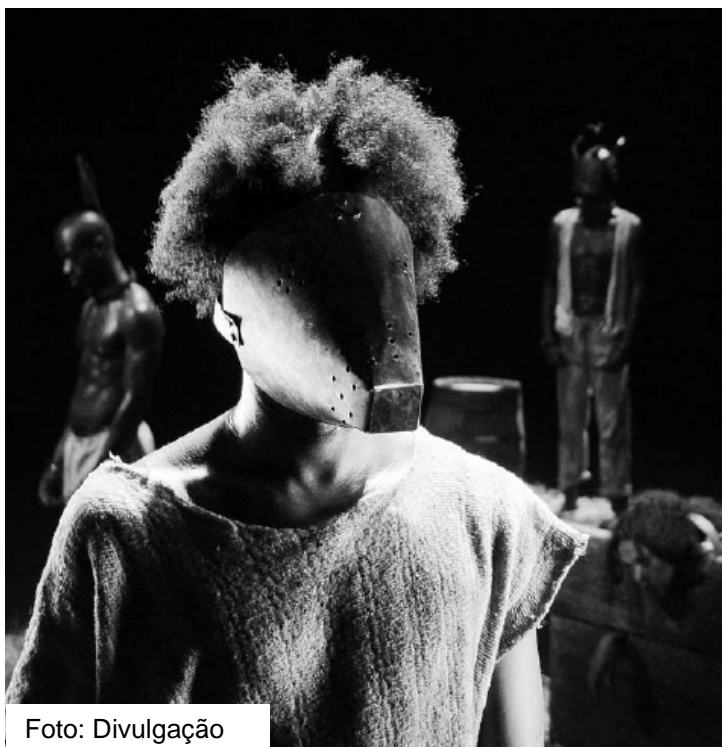


Foto: Divulgação

narrador disposto a contá-las tempos depois, como se pode perceber no início da narrativa: “a escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício” (1997:03). A voz narrativa procura levar o leitor a esses tempos de escravidão, marcados, sobretudo, pela manutenção do direito de propriedade de alguém sobre outrem e pela necessidade de sobrevivência.

Inicia-se o conto com a descrição de um dos instrumentos de tortura utilizados durante a escravidão: a máscara de folha-de-flandres – aparelho ligado a um certo ofício, qual seja, a manutenção da instituição escravocrata. Ele narra a história de Cândido Neves, um rapaz que diante da dificuldade de encontrar um emprego que lhe garanta o sustento de sua família, composta por sua jovem esposa, Clara, pela tia desta, Mônica, e por um filho que estava sendo gerado,

opta por se tornar capitão-do-mato. Antes, havia tentado atuar no comércio, mas “a obrigação de servir, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho”, trabalhou como fiel de um cartório e também como entalhador, “mas querendo aprender depressa, aprendeu mal” (1997:06), e estes trabalhos foram deixados logo depois de serem obtidos. Sem dinheiro e vivendo de favor, vê na captura de escravos fugidos uma fonte de renda.

A certa altura da narrativa, vivendo de favor na casa de uma conhecida e na iminência de entregar o filho recém-nascido à roda dos enjeitados, o personagem parte à procura de Arminda, uma escrava que havia fugido da posse de seu senhor. A mesma é capturada e devolvida ao seu proprietário, o que rende a ele uma boa soma em dinheiro, garantindo-lhe o direito de permanecer com seu filho perto de si.

Do conto para o filme, na trama que transcorre nos dias atuais, uma ONG implanta o projeto “Informática na Periferia” em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores foram superfaturados, decide denunciar a situação, e por esse motivo, coloca sua vida em risco.



Foto: Divulgação

Candinho, jovem que está desempregado e com a mulher grávida, que sonha com a ascensão social, tem dificuldades para sobreviver e sustentar a família, quando recebe uma proposta para trabalhar como matador de aluguel. Ele então é contratado para matar Arminda, pois esta havia denunciado na imprensa o roubo do dinheiro público – o famoso caixa dois – realizado pela Stiner Empreendimentos Assistenciais. Candinho aborda Arminda quando esta entra em casa, a joga no chão e ela, em estado de choque, em silêncio, não consegue suplicar pela sua vida. Ele então executa Arminda, grávida, com dois tiros no peito. Depois, volta para casa e dá a “boa nova” à família: finalmente havia conseguido um emprego. O trabalho novo era advindo de uma troca de favores, uma possível retribuição ao serviço que havia realizado: silenciar a voz daquela que denunciava o esquema por detrás da filantropia de fachada, não mais com a máscara de folha-de-flandres, mas com a morte.

Além deste final, bastante fiel ao texto machadiano, Bianchi apresenta um outro fim para o filme. Nele, Arminda se rende à lógica da luta de todos contra todos e propõe a Candinho que eles dividam entre si o dinheiro advindo de recursos não contabilizados pela Stiner, e que formem uma Central de seqüestros, a fim de redistribuir a renda concentrada na mão de poucos.

Dessa forma, o filme traz à tona a permanência na atualidade de nosso passado escravista, deixando clara a impossibilidade de olhar o presente sem levar esse passado em conta, assim como as persistentes desigualdades econômicas, sociais e de direitos no país. Na medida em que o conto machadiano é adaptado para a atualidade – nas figuras de Candinho, Clara, tia Mônica e Arminda – Bianchi mostra o elo imprescindível com a História para uma visão crítica da atualidade.

No atual jogo "democrático" e de "participação" da sociedade civil em prol de demandas não atendidas pelo Estado, as ONGs ou o Terceiro Setor, como se convencionou chamar - aparecem no filme funcionando como empresa, incorporando seu discurso típico e objetivando, enfim, o lucro. Responsabilidade social ou solidariedade são exaltadas e mobilizadas como marketing dessa nova indústria que gerencia a miséria e os miseráveis.

Uma pesquisa desenvolvida a partir da parceria entre IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas - IPEA, a Associação Brasileira de ONGs – ABONG e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas – GIFE, em 2005, demonstrou que existem no Brasil cerca de 338 mil organizações sem fins lucrativos divididas em cinco categorias: 1. que são privadas, não integram o aparelho do Estado; 2. que não distribuem eventuais excedentes; 3. que são voluntárias; 4. que possuem capacidade de autogestão; e, 5. que são institucionalizadas.

No Brasil, as primeiras ONGs nasceram em sintonia com as demandas e dinâmicas dos movimentos sociais, com ênfase nos trabalhos de educação popular e de atuação na elaboração e controle social das políticas públicas. Segundo Herbert de Souza, o Betinho, uma ONG se define

por sua vocação política, por sua positividade política: uma entidade sem fins de lucro cujo objetivo fundamental é desenvolver uma sociedade democrática, isto é, uma sociedade fundada nos valores da democracia – liberdade, igualdade, diversidade, participação e solidariedade. (...) As ONGs são comitês da cidadania e surgiram para ajudar a construir a sociedade democrática com que todos sonham (2008).

A crítica ácida de Bianchi recai, portanto, justamente naquilo que muitos têm entendido como solução ou alternativa para os dilemas inerentes ao capitalismo que são as ONGs. Um caso recente no Brasil de como se pode tirar vantagem da solidariedade dos outros, foi o que aconteceu em Santa Catarina no final do ano passado, quando soldados do Exército e supostos

voluntários foram flagrados furtando material doado às vítimas das enchentes. Apesar da boa ação dos milhares de brasileiros que enviaram mantimentos para a população atingida pelas chuvas no estado, parte do material não chegou às mãos das vítimas da tragédia, como deveriam.

Além disso, o filme também mostra a miséria e a prisão como economicamente rentáveis e geradoras de emprego. Numa das cenas, quase ao final do filme, dois personagens definem o seqüestro como mecanismo de distribuição de renda e de justiça social. A criminalidade surge então como elemento movimentador da economia, também a partir da construção de presídios. O personagem de Lázaro Ramos, quando estava preso, chegou a comparar os presídios brasileiros aos navios negreiros, devido às condições precárias de sobrevivência de ambos. Comparação semelhante faz o grupo Rappa na música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”: “quem segurava com força a chibata/ Agora usa farda/ Engatilha a macaca/ Escolhe sempre o primeiro/ Negro pra passar na revista/ Pra passar na revista/ Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”.

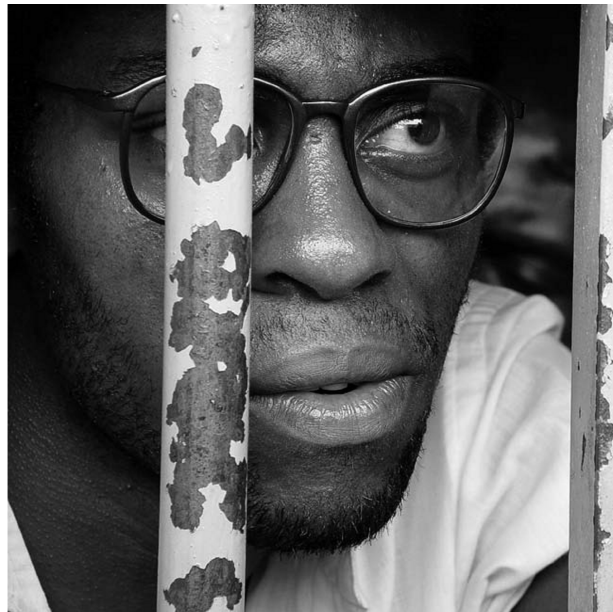


Foto: Divulgação

As prisões e o tratamento dispensado aos detidos são de tal forma degradantes e desumanos que, em vez de recuperá-los para o convívio social — objetivo declarado da maioria das casas de correção do país —, os tornam ainda mais revoltados. Não é de hoje que, no Brasil, combate-se o crime por meio de práticas de igual calibre. E os delitos não cessam com a detenção dos infratores. Soma-se a isso o fato de não haver triagens nas penitenciárias, o que submete detidos por delitos leves ao convívio com criminosos cruéis, transformando os presídios, em verdadeiras “universidades” do crime. É o que revela Michel de Foucault no texto “Sobre a prisão”, de Microfísica do poder:



Foto: Divulgação

Desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. (...) A prisão fabrica delinqüentes, mas os delinqüentes são úteis tanto no domínio econômico como no político (1979:132).

Não é novidade o fato de que o Brasil é um país de reconhecida discrepância social; nele, há uma injusta distribuição de renda, com a conseqüente riqueza de poucos e a pobreza de muitos. Aos pobres, cabe uma vida de miséria nas favelas, sem oportunidade de inserção social e com o recurso à violência e ao crime como táticas de sobrevivência. A tudo isso, junta-se mais um agravante: a marginalização da população negra do país, que, saída da escravidão institucionalizada até o final do século XIX, nunca pôde participar efetivamente das conquistas econômicas e culturais geradas pelo desenvolvimento do país: “o discurso sobre a delinqüência, simples condenação do século XIX (“ele rouba porque é mau”), torna-se hoje uma explicação (“ele rouba porque é pobre” e também “é mais grave roubar quando se é rico do que quando se é pobre”)” (FOUCAULT, 1979:135).

Dados revelados pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) em 2007 mostram que o número de presos no Brasil aumentou consideravelmente nos últimos 12 anos, fazendo com que o país obtivesse a oitava maior população carcerária por habitante do mundo. Para Foucault, “sem delinqüência não há polícia. O que torna a presença policial, o controle policial tolerável pela população se não o medo do delinqüente?” (1979:137-138)

Sobre o perfil da população carcerária do Brasil, sabe-se que ele é majoritariamente marcado por pobres e negros. Os pobres, os moradores de favelas e os jovens negros são os mais visados pelo sistema judiciário, pois

para ele, são os excluídos os mais suscetíveis a praticar crimes de massa, aqueles que incomodam a sociedade, como furtos e roubos:

A prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral. “Tenho razão em punir pois vocês sabem que é desonesto roubar, matar...”

O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente “justificado”, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (FOUCAULT, 1979:73).

Dessa forma, o filme abre a ferida da violência social no país e traz uma reflexão interessante sobre a indústria da miséria no Brasil e a herança da escravidão na sociedade brasileira atual.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em acessou-o:

FRANÇA, Alex Santana. A carne mais barata do mercado é a carne negra. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Coluna Resenha. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Carne_negra.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2010.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: _____. **Relíquias da casa velha**. São Paulo: Globo, 1997, p. 03-14.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

QUANTO VALE ou é por quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Rio de Janeiro: Agravo Produções Cinematográficas, Riofilme, 2005. 1 DVD (104 minutos).